

Humphrey Bogart (Rick Blaine) e Ingrid Bergman (Ilsa Lund) protagonizaram "Casablanca" (1942), o clássico imortal do cinema e escreveram uma das mais belas páginas da história da sétima arte



Grande festa em São Paulo para celebrar os 65 anos de Francisco Rocha

PAG. 7



Francisco Rocha era só alegria e emoção na grande festa que comemorou, no restaurante Cantaloup, de São Paulo, seus bem-vividos 65 anos

É pura nostalgia mas vale rever o clássico Casablanca na semana do Oscar

PAG. 6

Reprodução



COM muito charme, elegância e simpatia elas conseguiram driblar o tempo – umas com mais de 80 anos, outras com mais de 90, algumas com muita vitalidade, outras já sentindo o peso dos anos vividos. Todas elas, porém, símbolos de amor. E, por isso mesmo, lembradas e festejadas neste Dia Internacional da Mulher.

PÁGS. 4 e 5



Neste segundo domingo de março curvo-me, uma vez mais, diante desse monumento de beleza, graça, charme e doçura – essa parte aperfeiçoada da nossa costela, também conhecida como “mulher”. Comemora-se mais um Dia Internacional da Mulher – ou seja, uma perfeita redundância, posto que não se passa um só minuto sem que a mulher seja reverenciada no altar da nossa perpétua devoção.

O Paraíso, como todo mundo sabe, andava pra lá de chato com aquela vidinha sem cor, nem sabor, do solitário Adão. O pioneiro entre os homens vivia a sua bíblica indolência, jogando truco e “paciência” consigo mesmo. Andava de um lado para o outro, pensando em quão sensaborona era a vida. Foi então que Lúcifer – um anjo ainda bem-comportado, antes da grande rebelião – inspirou o Senhor: – Invente a mulher!

O Senhor caiu na tentação de Lúcifer e inventou não apenas a companheira ideal do homem, mas este ser único, este enigma em flor, este “território estrangeiro”, como disse o poeta inglês Coventry Patmore, “onde, embora nele se instale cedo, um homem jamais compreenderá completamente os costumes, a política e a língua”.

Esta esfinge tanto foi condenada por Petrar-

MULHER

monumento de beleza no altar de nossa devoção

ca – “La donna é móbile qual piuma al vento” – como foi homenageada por Alexandre Dumas, o pai, que recomendou a todos os homens: – Cherchez la femme!

– A mulher sempre será o perigo de todos os Paraísos – maldisse Shopenhauer, acolitado pelo impiedoso Nietzsche: – Vais ver mulheres? Não esqueças o açoite...

Outras piadinhas foram inventadas por homens que amam as mulheres, mas adoram “intimar” – só para vê-las bem furiosas.

Mário de Andrade, dizem os seus biógrafos, não gostava muito de mulher. Seu conceito a respeito delas não era muito favorável: – A mulher é a mais incomparável “expectativa-de-ser” que existe neste mundo. A mulher é um eterno “vir-a-ser”, até que encontre alguém que a “faça ser”.

Piadinhas à parte, as mulheres já conquistaram o mundo há muito tempo e essa história de “preconceito” é só uma bandeira para feministas démodées. A instigante Camille Paglia, talvez a maior intelectual dos EUA, acha que “as mulheres já mandam demais no Mundo para continuar se queixando”. O novo feminismo não é “lamúria”, mas “poder”.

Aliás, sobre mulheres, dificilmente se conseguirá escrever algo tão bonito que Cora Coralina já não tenha escrito: “Que pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições... Empregos fora do lar? És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser mãe. Em ti está presente a humanidade”.

Sobre mulheres, sei que carregam mistérios na alma, mas sabe-o muito melhor Clarice Lispec-

tor: “Sou como você me vê./ posso ser leve como uma brisa./ ou forte como uma ventania, / depende de quando./ e como você me vê passar”.

Sobre mulheres, só mesmo a irreverência de uma Adélia Prado para desafiar Drummond: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem/ Mulher é desdobrável./ Eu sou”.

Sobre mulheres, poderia arriscar-me a falar de inconstância, mas prefiro dar a palavra a Cecília Meireles: “Tenho fases, como a lua/ Fases de andar escondida./ fases de vir para a rua.../ Perdição da minha vida!/ Perdição da vida minha!/ Tenho fases de ser tua./ tenho outras de ser sozinha”.

Sobre mulheres, poderia falar de elegância, mas deixo o mote com Coco Chanel: “Vista-se mal e notarão o vestido. Vista-se bem e notarão a mulher”. Ou: “Uma mulher precisa de apenas duas coisas na vida: um vestido preto e um homem que a ame”.

Sobre mulheres, poderia defini-las, mas não com a convicção de Raquel de Queiroz: “Nós, mulheres, herdamos muito da personalidade de Eva: todas as vezes que nos encontramos na santa paz do Paraíso, ficamos ansiosas por morder uma maçã e cairmos fora de lá!...”.

Sobre mulheres, permito-me saudá-las muito mais pela sensibilidade e pelo talento do que propriamente pelo dia de hoje.

Fotos/Reprodução



Jacira Haickel



Jacira Haickel e parte da equipe feminina do Blue Tree

MULHERES GANHAM HOMENAGEM NO BLUE TREE

Na multidão do metrô, alguém me cumprimenta com entusiasmo. O rosto é familiar, mas não atino quem seja. Retribuo, meio sem jeito, o que é imediatamente percebido. No dia seguinte, quando vejo a mesma pessoa me dando o troco do cafezinho, que costumo tomar sempre no mesmo lugar, vislumbro o tamanho da gafe.

A diretora geral do Blue Tree Premium São Luís Hotel, Jacira Haickel, recebeu, na quarta-feira

(4), um grupo de mulheres para um café da manhã especial, no Oito Restaurante, pelo Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março.

O momento descontraído e de homenagens teve por objetivo fortalecer o relacionamento com clientes estratégicos, empresas parceiras e agências de turismo.

Foi um evento para conexão, aproximação institucional e valorização das mulheres que contribuem diretamente para a

geração de negócios em São Luís.

Na ocasião, foram apresentadas novidades como o upgrade do empreendimento para a categoria Premium e as comemorações pelos 50 anos da construção do prédio do hotel.

Durante o encontro, Jacira Haickel fez questão de pontuar os avanços alcançados pela mulher na sociedade, que vêm cada vez mais ocupando papel de destaque em suas áreas de atuação.



Claudiana Lins



Edilene Ribeiro



Simone Menezes, Jacira Haickel, Marcela Rodrigues, Márcia Banhos, Luanna e Elisa



Janaina Ali



Fabi Serejo



Karina Rocha



Luanne Durans



Marcela Rodrigues



Simone Menezes



Marcela Rodrigues, Jacira Haickel, Simone Menezes e Patrícia Almeida (em pé)



Marcia Banhos e Andrea Mello



Suzana Collares



Vanessa Lins

Fotos/Divulgação



Desde que regressou a São Luís, após 6 meses fazendo tratamento de saúde em São Paulo, a deputada federal Roseana Sarney tem recebido manifestações de carinho de políticos, empresários e amigos. Muitos amigos chegam em caravana para abraçá-la. Acima, um grupo de antigos colaboradores de seu gabinete de governadora. Da esquerda para a direita, Bruno Cantalice, Ruth Silva, Vanda Torres, Conceição Andrade, Laura Amélia Damous, José Torres, Graça Mendes, Neto Medeiros, Fátima Mouchereck, Teresa Martins, Marly Abdalla, Roseana, Ivana Covara, Carminha Cabral, Márcia Helena Ribeiro, Marlilde Mendonça, Sandra Oliveira e Ana Maria Neiva



Outro grupo que nesta semana visitou Roseana, era formado pelo Pe. Heitor Morais, Este Repórter PH e as amigas Wanda Duailibe Ferreira, Lucia Helena Duailibe Santos, Fátima Caldas, Ana Cristina Maranhão, Socorro Bispo, Mariléa Santos Costa e Beatriz Sabóia. O padre Heitor fez uma linda prece de agradecimento a Deus pelo restabelecimento da amiga, que agora em março voltará a São Paulo para continuar o tratamento de saúde

Dia da Mulher

O 8 de março não é uma data qualquer: Dia Internacional da Mulher! Foi criado para empenhos, lutas e reconhecimento da capacidade para notáveis realizações. Nenhuma circunstância pode diminuir a trajetória das mulheres.

É momento, também, para todos reafirmarmos e aprofundarmos respeitabilidade e apreço pelo gênero feminino. A igualdade plena em todos os setores, começando pelos laborais, ainda não foi alcançada, mas está a caminho, como todos desejamos.

O 8 de Março não pode ser apenas simbólico. Ele reafirma um dever permanente: fortalecer a rede de proteção, exigir políticas públicas eficazes, responsabilizar agressores e atuar para interromper ciclos de violência que atravessam gerações. Essa deve ser a nossa luta.

O 8 de Março não é sobre flores. É sobre raízes. Sobre enfrentar o que ainda nos constrange como sociedade e assumir a responsabilidade de mudar estruturas – não apenas estatísticas. É isso que se espera que esse dia nos lembre, inclusive quando o calendário já tiver virado a página.

Na atualidade, permitam-me a triste consignação, embora ocasião seja para comemorações, os feminicídios seguem ocorrendo, e impõem ações concretas para que cessem.

São necessárias campanhas intensas, visando à mudança de concepções.

A Copa do Mundo pode ser cancelada

Em meio à maior guerra no Oriente Médio em décadas, envolvendo diretamente os Estados Unidos (um dos anfitriões) e o Irã (com seleção classificada), além de outras dezenas de nações, com riscos de atentados e tráfego aéreo complicado, há clima para a Copa do Mundo? Temos recebido questionamentos nesse sentido.

Não é a primeira vez que aspectos geopolíticos contaminam o futebol. E uma Copa chegou a ser cancelada, a de 1942, devido à Segunda Guerra Mundial. A última competição havia sido em 1938 (na França) e só voltou a ocorrer em 1950 (no Brasil).

Não estamos vivendo, importante salientar, em meio a um conflito de proporções globais. Não é a Terceira Guerra Mundial. Mas é grave.



Do baú de recordações deste Repórter PH, o último encontro com as escritoras Ana Maria Machado (1941) e Rachel de Queiroz (1910-2003), na residência do ex-presidente José Sarney, no ano em 1989, logo depois que ele deixou o Governo e foi visitado por um grupo de escritores que veio ao Maranhão especialmente para abraçá-lo. Rachel e Ana Maria são figuras fundamentais da literatura brasileira e ambas ocuparam cadeiras na Academia Brasileira de Letras (ABL). Rachel, pioneira do romance de 30 e primeira mulher na ABL, destacou-se pelo regionalismo; Ana Maria, ícone infantil e romancista, presidiu a instituição.

A Copa do Mundo...2

A Fifa ainda não se manifestou oficialmente sobre o conflito. Mas, dada a proximidade do presidente Gianni Infantino com Donald Trump, não consideraria improvável que o Irã seja suspenso do torneio.

Aliás, antes mesmo de o atual conflito ter iniciado, com o ataque conjunto de EUA e Israel, cidadãos do país persa figuravam na lista de Trump de proibição total de viagens ao território americano. Isso cria um problema adicional para a delegação iraniana, que, ok, pode receber alguma autorização especial, reservada, por exemplo a diplomatas e esportistas, mas para familiares de atletas e torcedores ("cidadãos comuns") a situação é muito mais difícil.

Além do Irã, outras três nações atingidas pelo veto de Trump participarão da Copa: Haiti, Senegal e Costa do Marfim. Sem falar que sair do Irã, se os bombardeios continuarem, será outra dificuldade. O espaço aéreo está fechado a aviões comerciais - e a saída dos atletas teria de se dar por terra, provavelmente pela Turquia.

A Copa do Mundo...3

Sejamos claros: não há como garantir que qualquer turista estará seguro nos Estados Unidos, a menos que obtenha garantias do governo Trump de que as pessoas não serão presas, detidas e deportadas.

A seleção do Irã está no Grupo G, junto com Bélgica, Egito e Nova Zelândia, com jogos previstos para Los Angeles e Seattle na primeira fase.

Isso nos leva a outro problema político sobre a realização da Copa. As duas cidades viveram crises devido à política migratória mais restritiva de Trump, com ações intensas do ICE.

Em todo o território americano, há preocupações em relação à polícia migratória e ações que possam gerar violência durante o Mundial.

Copa do Mundo e outros conflitos

Como a coluna já abordou, não são só os Estados Unidos envolvidos em um tema delicado. A Copa terá como sedes também o Canadá e o México.

Nas últimas semanas, conflitos entre cartéis do narcotráfico mexicano e a polícia deixaram dezenas de mortos. Veículos foram incendiados, o comércio ficou fechado, houve bloqueios de estradas e um clima de terror no ar, que paralisou boa parte do país. Guadalajara, uma das cidades-sedes, foi epicentro da crise, deflagrada pela morte de Nemesio "El Mencho" Oseguera Cervantes, líder do cartel de Jalisco.

Lugar de fala

Há uma profunda contradição na reação do governo brasileiro e de seus apoiadores à eliminação da cúpula da ditadura iraniana. Enquanto o Itamaraty divulgava uma nota condenando Israel e os Estados Unidos, iranianos celebravam. Não eram generais nem diplomatas. Muito menos aiatolás. Em Paris, Nova York, Londres e Amsterdã, grupos de exilados iranianos foram às ruas. Entre eles, mulheres que fugiram do regime e integrantes da comunidade LGBTQIA+.

Para os lunáticos que mandavam no Irã, relações entre pessoas do mesmo sexo é crime. Mulheres podem ser presas ou espancadas por desafiar regras impostas pela versão mais selvagem da religião. Dissidentes são presos ou simplesmente desaparecem.

Lugar de fala...2

O regime iraniano prega abertamente, há décadas, a destruição do Ocidente. Financia milícias e grupos terroristas e sustenta uma rede internacional de violência que já matou milhares de judeus, israelenses e cristãos.

Uma guerra nunca é boa. Inocentes morrem, existem dor, sofrimentos e injustiças. Mas é impossível negociar com um câncer agressivo. Serve de alento o fato de que, aqui e mundo afora, há setores da esquerda conscientes desse fato.

Essa não deveria ser uma questão de esquerda ou de direita, mas sim de valores que mantêm a nossa mínima coesão social.

Quem conhece o regime iraniano por dentro está nas ruas comemorando. Enquanto isso, por aqui, inocentes úteis e manipuladores inúteis gritam as palavras erradas. Ou se escondem atrás de um silêncio conveniente.

HORA DA MESA

1 Havia solenidade nas refeições. Uma hierarquia definia os papéis à mesa: pais nas cabeceiras, filhos de um lado e filhas do outro. Os menores estavam mais próximos da mãe. Para evitar tumulto, devido à quantidade de comensais, não era permitido conversar mais do que o necessário. "Passe o arroz" nunca poderia ser substituído por "briguei hoje no colégio". Assim como as palavras, as porções eram rigidamente controladas. Nunca faltou nada porque a disciplina colocava a voragem natural da prole em limites suportáveis.

O debate aberto, que descambava para a política ou a anedota, conforme a disposição do dia e a eventual presença de convidados, só era franqueado no momento da sobremesa e do cafezinho.

Quando o pai viajava, a temperatura da conversa subia até a defecção precoce dos menores, que debandavam sem esperar que os mais velhos se retirassem antes, como era costume.

2 Havia diversidade nos doces servidos após o almoço em ocasiões especiais – domingos, aniversários ou quando havia visita. Mas a gelatina recheada de pêssego com floco firme de merengue em cima era nossa favorita. Vinha coroar refeições antológicas, com pratos que se foram junto com sua autora, como o peixe desfiado e misturado com farofa, o rocambole quilométrico de pele crocante, o feijão perfeito que, enriquecido de vários ingredientes e temperos, tornava as segundas-feiras uma data tão esperada quanto os fins-de-semana.

Ninguém comia sem camisa, mesmo no mais tórrido verão. Ninguém deixava de se pentear ou mesmo deveria perder o horário sagrado em que éramos chamados para o ritual. O ágape não começava se o pai não decidisse.

A tortura mais recorrente era quando um telefonema importante o segurava por um tempo que nos transformava em vítimas do Holocausto.

3 O cafezinho vinha de um longo processo caseiro. Sacos da semente crua eram comprados regularmente. Depois, havia os sábados de torrefação, de grossa catíng. A matéria-prima era guardada em lata, aberta todos os dias para que fosse moída no moedor manual.

Era uma espécie de punição, reduzir a pó, no muque, a semente negra que permitiria o final das refeições.

Mas o resultado compensava. O aroma do café e a fumaça do cigarro dos adultos encerravam o espetáculo.

4 Por um bom tempo, a lenha servia de combustível para o fogão e a água do chuveiro. Soprar a brasa e esperar o momento tanto do banho quanto da comida eram hábitos de uma civilização hoje perdida, que dava um trabalho danado, mas que povoou os anos de formação.

A modernidade só chegou tempo depois, quando uma grande mesa de fórmica convivia com paredes pintadas no chamado estilo funcional.

As cores variadas que não combinavam desesperavam a mãe, atropalhada ao explicar a novidade às amigas.

5 O mundo masculino decidia tudo, mas vivíamos no regaço materno. Rodeávamos aquela que jamais viajava e que voltava vagarosamente do emprego para adiar o furacão doméstico.

Quando todos foram embora, ela ficou à espera do carteiro, escasso de novidades. Olhava longamente para a rua vazia, onde sobrava espaço e o barulho das novas gerações não a tranquilizavam como antigamente.

Foi-se devagarinho, como um pássaro ferido. Mãe da mesa farta e do rigor que nos acompanhava, ela é o símbolo dessa vida que cultivava a solidão diária, para fugir do estilo prosaico que acabou tomando conta da cidadania.



A sessão de posse da diretoria da Academia Nacional de Medicina para o biênio 2026-2027, no Rio de Janeiro, reuniu médicos de todo o País. Da esquerda para a direita: Acadêmico Natalino Salgado Filho, Diretor da Biblioteca da ANM; Acad. Eliete Bouskela, ex-Presidente da Academia Nacional de Medicina (ANM); Acad. Antônio Egídio Nardi, Presidente da ANM; Acad. José Márcio Leite, Presidente da Academia Maranhense de Medicina (AMM); Acad. Fábio Jatene e Acad. Jair de Carvalho e Castro.



Helena Machado Moraes Correia veio do Piauí ainda jovem e já viveu 103 anos



Torcedora do Botafogo, Maria Izabel Pereira Rodrigues vive o esplendor dos seus 94 anos



Ainda muito lúcida, Elimar Figueiredo de Almeida Silva completa 97 anos em 2026



Ex-primeira dama do País, Marly Macieira Sarney comemorou 93 anos em dezembro de 2025

MULHER

é a suprema invenção que reina com ou sem pecado original

Dizer mais “o quê” neste domingo, Dia Internacional da Mulher, ao longo do qual, mais uma vez, rendemo-nos à fortaleza desse ser incontestavelmente superior? “Gosto, que me enosco, de ouvir dizer/ Que a parte mais fraca é a mulher/ Mas o homem, com toda a fortaleza/ Desce da nobreza – e faz o que ‘ela’ quer...”

Quem vai tirar a razão deste samba de Sinhô, gravado em 1929 por Mário Reis? Quem haverá de contestar o verso sintético e sublime da Música Popular Brasileira?

Ao se deparar com a primeira Eva, dizem as Escrituras, o homem se entusiasmou, desenvolvendo a partir desse dia – por que não? – o hormônio da testosterona. Agradecendo aquela magnífica obra de arte, Adão teria dito:

– Essa é, realmente, osso do meu osso e carne da minha carne. Coisa mais linda!

Nos primeiros momentos após o

sopro vital, o próprio Senhor hesitou em nominá-la. Matutou um pouco e, por fim, decidiu: chamar-se-á “mulher”, visto ser tirada do homem. E por sua causa o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.

Neste segundo domingo de março, Dia Internacional da Mulher, dedicamos este caderno àquelas que viveram mais da metade do século passado e já ultrapassaram um quarto deste primeiro século do segundo milênio.

Elas por eles

Pablo Neruda: “Um homem só encontra a mulher ideal quando olhar no seu rosto e ver um anjo e, tendo-a nos braços, ter as tentações que só os demônios provocam...”

Luís Fernando Veríssimo: “No começo Deus criou o mundo e descansou. Então, Ele criou o homem e descansou. Depois, criou a mulher. Desde então, nem Deus, nem o homem, nem o Mundo,

tiveram mais descanso”.

Carlos Drummond de Andrade: “É próprio da mulher o sorriso que nada promete e permite tudo imaginar”.

Sêneca: “Uma mulher bonita não é aquela de quem se elogiam as pernas ou os braços, mas aquela cuja inteira aparência é de tal beleza que não deixa possibilidades para admirar as partes isoladas”.

Leon Tolstói: “Aquele que conheceu apenas a sua mulher, e a amou, sabe mais de mulheres do que aquele que conheceu mil”.

Honoré de Balzac: “É tão absurdo dizer que um homem não pode amar a mesma mulher toda a vida, quanto dizer que um violinista precisa de diversos violinos para tocar a mesma música”.

Oscar Wilde: “Nunca confie na mulher que diz a verdadeira idade, pois se ela diz isso é capaz de dizer qualquer coisa”.



Em outubro de 2026, Cacilda Bernardes Albuquerque comemora seus bem vividos 100 anos



Sônia Maria Ramos Rocha comemora 90 anos em setembro de 2026



Maria da Graça Serra de Castro Brandão já viveu 86 anos e continua muito jovem



Rocilda Gomes Freitas já ultrapassou nove décadas de vida e, muito lúcida, comemora 92 anos em 2026



Magnólia Costa Nagem comemora 91 anos bem vividos agora em março



Oneide Silva Léda veio de Presidente Dutra e comemorou em dezembro de 2025, 87 anos



Niêde Lima Buhatem, 91 anos, brilha como artesã atuante de semijoias e bijuterias finas



Hilda Marques Bogéa, 91 anos, prepara a festa dos 75 anos do Jornal Pequeno, quando maio chegar

Fotos/Divulgação

Fotos/Divulgação



Dirce Fecury Zenni celebra em 2026 seus bem-vividos 92 anos



Ceres Costa Fernandes, 83 anos, continua produzindo belos livros



Ana Lucia Chaves Fecury comemora no dia 15 de março, 83 anos



Longe dos holofotes, a ex-primeira dama do Estado, Nice Lobão, 89 anos, vive atualmente em Brasília



Ex-prefeita de São Luís e ex-primeira dama do Estado, Gardênia Ribeiro Gonçalves festejou agora em março 86 anos



Laura Amélia Damous Duailibe, 81 anos, produz ótimos livros



Maria da Graça (Gracinha) Braúna Gago, 87 anos, continua bonita



Lenita Lago Bello, 83 anos, é um símbolo da beleza eterna



A escritora Arlete Nogueira da Cruz Machado comemora 90 anos em maio de 2026



Maria Dulce Soares Clementino, desembargadora aposentada, celebra em 2026, 89 anos



Nazi Holanda de Alencar entrou na casa dos 80 anos em junho de 2025



Cercada pelos filhos Ana Lúcia, Antonio, Fernando e Murilo, Caciilda Albuquerque se prepara para comemorar em outubro, 100 anos



O Repórter PH com suas tias Gracy Silva Oliveira (85 anos no dia 6 de março), Cely Gomes Lima (90 anos) e Oneide Silva Léda (87 anos)



Por pertencer ao tempo, o amor só pode ser vivido pela memória. Teremos sempre Paris, diz Rick Blaine para Ilsa Lund, numa das mais belas frases finais da história do cinema

A DESPEDIDA

em um dos mais aplaudidos filmes de todos os tempos

A cerimônia do Oscar 2026 está marcada para o dia 15 de março, no Teatro Dolby, em Los Angeles, mas o clima de disputa nos bastidores de Hollywood começou desde a divulgação da lista de indicados. Já vivendo o clima da festa do próximo domingo, revi uma cópia em preto e branco, de Casablanca, o filme que marcou a minha primeira juventude. Aliás, não só a minha, mas também a de muitas outras pessoas que acreditam no amor.

A última cena de Casablanca não é um desfile de chapéus de um melodrama barato, como querem as imitações, as clonagens e as homenagens feitas depois que o filme tornou-se um clássico. A intensidade da cena vem da surpresa de Ingrid Bergman diante da decisão de Humphrey Bogart de despachá-la de avião junto com o marido. O cinema daquele tempo não era um jogo de cartas marcadas, como o de hoje, em que as celebridades exibem a falta de talento a serviço do megamarketing. Era um ofício duro, em que era preciso morrer em cena.

Hoje, tempo do eterno presente, todos se sentem imortais, mas Bogart e Bergman sabiam que iam morrer naquele momento definitivo das suas vidas. É essa certeza que faz do desenlace um momento supremo do cinema. Ricky renuncia ao amor, que está em

desvantagem devido ao tempo transcorrido, à situação adversa e aos hábitos adquiridos na longa solidão. Ingrid vê desabar seu sonho de retomar o que tinha perdido para sempre.

Era tarde demais: ela tinha selado seu destino anos antes, ao abandonar seu amor numa plataforma chuvosa, por meio das palavras de um bilhete que se desmancha na tormenta. São destinos que se revelam por meio de um acordo no aeroporto noturno, em que a única luz vem do olhar duro do homem que quebra o encanto, e a única sombra é a que pouso no rosto da mulher derrubada pelo adeus. Essa confluência torna Casablanca a obra-prima de um cinema focado no sentimento que perdeu o trem da História, mas que, pela sua determinação trágica, conserva a força que move os protagonistas em direção à eternidade.

A canção inesquecível, As times goes bye, é o fruto proibido do paraíso criado por Ricky. Enquanto a terra entrega-se à barbárie (a Criação sem subterfúgios, puro assombro e indiferença) o reduto do seu bar sobrevive por ser um território neutro na guerra. Tudo é permitido: o jogo de pôquer entre inimigos, o contrabando de passaportes, a prostituição, o alcoolismo. A única lei é não permitir que se toque essa melodia.

A mulher, a estranha nesse paraíso inventado pela masculinidade, transgride a

regra por meio da sedução (toque, Sam). Seu objetivo é resgatar o amor perdido, o sentimento que se escoou pelo ralo. Mas a consequência do seu gesto é a surpresa do homem entocado, recolhido ao exílio depois de ter sofrido a traição. A canção leva o olhar de Ricky para a presença da mulher, que desmascara assim aquele antro do ressentimento. O que desperta não é o amor insepulto, mas a vingança. Vingar-se é a obsessão do heroísmo avesso aos bons sentimentos.

Ricky no fundo despreza o patriotismo, fonte da guerra, porque nenhum amor à bandeira chega aos pés do amor por uma mulher. Mas evitar o Falso Bem (as patriotadas, os missionários salvadores) não significa furtar-se ao engajamento. Todo o tempo o herói precisa agir contra a tirania sem revelar suas intenções, porque sua carcaça é definitiva e jamais poderá ser flagrado pela sua extrema fragilidade, que é o amor traído. Humphrey Bogart, em Casablanca, é a segunda chance de Adão: ele já conhece as artimanhas de Eva e faz de conta que cai novamente na armadilha da sedução. Obedece a mensageira da serpente (que quer salvar o marido e não retomar o amor) e a atrai para o abismo.

Sua cartada é que, nessa troca de blefes, Eva acaba cedendo ao que tentava evitar e enche-se de esperança. Adão se vinga ao renunciar ao amor

jogando com o mesmo par de ases com que foi excluído: ele também tinha uma missão a cumprir, como ela, ao abandoná-lo. Ela tinha desistido em favor de uma tarefa vestida de nobreza, mas nua de sentimento. Ele faz o mesmo, mas ninguém precisa saber disso.

A dupla renúncia, primeiro dela, depois dele, coloca o amor em Casablanca num espaço mítico. O amor não pertence a eles, mas ao tempo, que joga as cartas definitivas. É o tempo que promove o encontro e também o desenlace. Por pertencer ao tempo, o amor só pode ser vivido pela memória. Teremos sempre Paris, diz Ricky, numa das mais belas frases finais da história do cinema.

Teremos sempre Casablanca, o filme que ousou dizer o nome desse amor sem limite, que nos arrebatava quando nasce, que nos destrói quando torna-se impossível, que nos surpreende por ser eterno, e que guarda uma esperança: já que teremos sempre Paris, é porque teremos sempre conosco a verdade. E a verdade identificada com o amor (e não com as bandeiras perecíveis) é a arma que nos defende do aniquilamento. Houve amor um dia na guerra que matou 150 milhões de pessoas.

Todos tem direito a retomar o que um dia brilhou em Paris: o amor sem identidade, fruto de Cupido, o deus criança que usa flecha num tempo de canhões.



A mulher Ilsa Lund, estranha nesse paraíso inventado pela masculinidade, transgride a regra por meio da sedução (toque, Sam!). Seu objetivo é resgatar o amor perdido, o sentimento que se escoou pelo ralo

VINICIUS

e a síntese da paixão morena do canto de louvor às mulheres



Vinícios de Moraes

Soneto é paradoxo: apesar do destino traçado em quatro estrofes, se desdobra. Quer tocar o outro lado, sem perder a forma. Por isso seu capricho é repetir-se dizendo coisas novas. Território ideal para Vinícius de Moraes (1913-1980), poeta plural que no início de carreira possuía de herança apenas a letra morta de antigos sonetos: amada noturna, de carne branca ao luar, imutável e única. Clima de culpa, doença, desmaio, fastio. Um fardo romântico de palavras funcionando como um baú de ossos: pálida, fria, lúbrica, devoção.

Desarrumar esse espólio com algumas provocações foi sua grande emoção aos 24 anos. Em 1937 começou a rimar ciúme com estrume, bela com cadela. Procurou enfrentar o paradoxo: amor, se é fugaz, pode ser profundo? Se o presente é tudo, é possível ser eterno? São contradições que a modernidade do poeta não resolve na primeira tacada. Ao contrário: carregado pela tradição, Vinícius precisa optar dolorosamente.

Foi assim que, em 1938, do momento imóvel se fez o drama. É o fim de antigos laços, a vida torna-se uma aventura e o poeta despede-se, mais do que da amada, de toda uma velha poesia. É chegada a hora de não temer mais o fim da madrugada. Não é mais preciso fugir ou esconder-se. “Ela despertará sob o meu beijo/enquanto a treva se desfaz lá fora”. O dia ilumina o amor com todas as suas contradições. O que era pesado, triste, se revela complexo, estranho, real. Os gemidos, antes desolados, possuem agora um calor rude. “Amamos, vagamente surpreendidos/pelo ardor com que estamos unidos/Nós que andávamos sempre separados”.

Em consequência o poema, que era pálido, se torna translúcido. A fraqueza enfrenta a escuridão, a palavra perde a saudade e, enfim: a “mulher me ama e me ilumina”. Assim o sol – o amor, no espelho de metáforas do jovem Vinícius – começa a passear pelo corpo branco da amada. Há, porém, dois problemas: tanto a mulher, objeto de desejo, quanto o poeta continuam presos ao passado. “Como ocultar a sombra em mim suspensa?”, pergunta-se.

É o momento de uma nova

Eles disseram

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar eacerteza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.”

“O encontro marcado” (1956), de Fernando Sabino

dolorosa opção: romper o cerco da treva significa um desenlace espiritual? É possível amar intensamente longe de antigas obsessões e arrancar pureza à carne intransigente? “Branças trevas” espicaçam o poeta nessa fase. Quem resolve o novo paradoxo é a própria poesia, através de uma obra-prima: o amor, já que não pode ser imortal, torna-se infinito e o verbo, então livre de culpa, pode unir-se à natureza. E definir Vinícius, identificá-lo: “Nasço amanhã/Ando onde há espaço/Meu tempo é quando”.

Tendo encontrado o seu caminho e sem ter jogado fora totalmente suas heranças – pois as coisas que passam urgem e o que é morto vibra – Vinícius atinge finalmente a maioridade. Aos 41 anos: “Nascemos para o sol: és mocidade /em plena floração, fruto sem dano”. A nudez da mulher amada agora é diferente da nudez lunar. “Uma mulher ao sol, eis todo o meu desejo”. A chuva e o vento cedem “à pura claridade/do sol do amor intenso”. A consequência de tanta iluminação no corpo branco da amada só pode ser uma: a “rosa morena”. Todas as cores, unidas, leva a mulher morena ao “branco negrume do meu leito em chamas”. Mas, se a natureza salva o amor e provoca a síntese da paixão morena, a maldição do poeta criado na penumbra não o abandona. Ele tem ciúmes da terra, do ar, do fogo e da água que tratam sua amada sem muita cerimônia. E, apesar do amor sem culpa e da mulher morena e linda, existem ciladas contra a luz: “Descubro meu reflexo obscuro/num soneto de espumas inexas”. Num dos sonetos inéditos, ele identifica-se com a treva e a mulher (a baiana Gesse, em 1971) com a luz.Esse novo paradoxo produz o poente, a morte.

Para nós, órfãos de Vinícius, iluminados pelo seu exemplo e coragem, é impossível evitar a saudade. Resta-nos acompanhar sua trajetória da treva para o sol nestes sonetos ontológicos, viajar nas paisagens contraditórias de sua poesia. E morrer de amor pela palavra, resgatar sua emoção, fazê-la ocupar seu espaço. Em vez de pó, pólen.

“Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz.”

“Grande sertão: veredas” (1956), de Guimarães Rosa

Fotos/Divulgação/Jorge Metne



Juliana Lago, Gabriel, Leonardo e Luciana Rocha Cavalcante, Francisco, Tereza, João Pedro e Guilherme Rocha



Lucca De Bonis, Lucas Zaidan, Guilherme, Francisco e João Pedro Rocha, Enrico Medina e Davi Capplan

OS 65 ANOS DE FRANCISCO ROCHA

Empresário do ramo imobiliário e advogado dos mais bem sucedidos de sua geração, o maranhense Francisco Rocha, que atualmente alterna sua residência entre São Luís e São Paulo, comemorou seus bem-vividos 65 anos, juntamente com a esposa Tereza e os filhos João Pedro e Guilherme, cercado de amigos que foram de várias partes do país, no living room do prestigiado

restaurante Cantaloup, no coração do bairro Itaim Bibi, em São Paulo.

Os convidados foram recebidos primeiramente para um coquetel de boas vindas ao som do renomado pianista na cena musical paulistana André Molinero.

O aniversário seguiu com jantar e como atrações, um show da banda paulista Vip Sound Band que criou uma atmosfera animada e

inesquecível e, por fim, apresentação do DJ Luís Maranhão, com seu estilo abrangendo os mais variados estilos de músicas, que levou para o ambiente muita alegria e animação.

Após os parabéns, já no dia 28 de fevereiro, data do aniversário, Francisco Rocha fez um agradecimento especial aos presentes e aos que não puderam comparecer, que teve como destaque e tema principal: a Gratidão.



O DJ Luís Maranhão, nascido na cidade de Pedreiras-MA, filho do Prof. José Caldeiras, que foi da Academia Maranhense de Letras



O português Nuno Rebelo de Sousa e sua esposa Júlia



Advogadas Patrícia e Ítalo Azevedo



Calil Gedeon e Johanna aguardando o herdeiro



Juiz Federal Márcio Sá e a esposa Dra. Valdélia Campos, Procuradora-Geral do Município de São Luís



Casal pernambucano radicado em São Paulo: Ana Teodora e Aristeu Chaves



Tereza e Francisco Rocha ladeados pelo ex-senador Clóvis Fecury e Carla



Walter de Sá Cavalcante e Elisabete, Tereza e Francisco Rocha, Carol e Leonardo de Sá Cavalcante



Os médicos Dr. Marcelo e Dra. Ana Elisa Villibor com Tereza e Francisco Rocha



Tereza e Francisco ladeados por Jerônimo e Karina Duarte



Francisco e Teresa Rocha, Cláudia e o jornalista Rodrigo Bocardi e o filho Gabriel



Guilherme e João Pedro Rocha com o amigo João Ricardo Vieira



O advogado Fernando Pascowitch com a esposa arquiteta Lívia, Tereza e Francisco Rocha



Marcelo Galvão e Lívia, Francisco e Tereza Rocha, Carol e Rubens Ariano



Mila e esposo Rafael Gross, recém escolhido principal liderança do Banco UBS Brasil, Tiago Hachem, Dr George Schahin e esposa Célia



Antonela Frugieule e o marido Eduardo Ruhman, do Banco BTG



Karina Duarte, a dermatologista Ana Elisa, Tereza Rocha, Lívia Pascowitch e Antonela Frugieule



O EMPRESÁRIO MARANHENSE Felipe Ribeiro, à frente da ESA Empreendimentos e da RendMais Invest, está investindo na gastronomia ao se tornar aluno da IGA São Luís. Ele tem se dedicado aos fundamentos da alta cozinha, aplicando disciplina e planejamento, e seguindo uma tendência de profissionais que buscam na gastronomia desenvolvimento pessoal, networking e novas oportunidades de investimento



O mercado de móveis planejados no Brasil segue aquecido em 2026, impulsionado pela busca por soluções personalizadas, funcionais e esteticamente diferenciadas. A The One Interiores, comandada por Júnior Souza (foto), se destaca por atender clientes que desejam projetos exclusivos, otimizando espaços e incorporando tendências. A empresa aposta na inovação e na adaptação às demandas atuais, prevendo crescimento contínuo ao longo de 2026

VILLA DO VINHO CELEBRA O DIA DA MULHER COM EXPERIÊNCIAS ESPECIAIS

O restaurante Villa do Vinho Bistrô preparou uma programação especial para celebrar a Semana e o Dia Internacional da Mulher. A proposta é promover momentos de encontro, valorização e fortalecimento dos vínculos femininos por meio de experiências gastronômicas e culturais. A agenda inclui o happy hour “Brinde D’Elas”, nesta sexta (6) e sábado (7) com degustação de cinco

rótulos de vinhos; o jantar “Força Feminina”, nos mesmos dias, unindo menu exclusivo e música ao vivo com repertório de grandes vozes femininas; e o almoço especial “Wine & Women”, no domingo (8), com atrações musicais e sorteio de vouchers. Os anfitriões Werter Bandeira e Beto Soares afirmam que a iniciativa busca incentivar encontros significativos e tornar a data ainda mais especial.



Diretor executivo do Natus Lumine, Tiago Fortes, Paulo Braid, presidente do Grupo Mercúrio, Rafaella e Vinicius Braid, do Lacmar Laboratório, e Aminadabe Sousa, diretor clínico do Natus Lumine, em evento de relacionamento com corretores de planos de saúde

NATUS LUMINE E LACMAR PROMOVEM JANTAR PARA CORRETORES

O Natus Lumine Hospital e Maternidade e o Lacmar Laboratório realizaram um jantar para corretores de planos de saúde com foco no fortalecimento de parcerias. Durante o evento, foram apresentados os diferenciais das duas instituições, o plano de negócios do Natus Lumine e os projetos de expansão, incluindo nova unidade no São Luís Shopping, reforçando o posicionamento das marcas como referências em saúde no estado.



Cantora Janeth Rocha e o violinista pelo Hélio Bonfim são as atrações do jantar especial “Força Feminina”, na Villa do Vinho, unindo gastronomia e música em homenagem às mulheres

Imersão Elevate

A Faculdade de Negócios Faene, com sede no bairro Angelim, vai promover, no dia 21 de março, das 14h às 18h, a Imersão Elevate para Empreendedores, evento voltado aos alunos da instituição interessados em ampliar a visão de mercado e fortalecer competências essenciais para o mundo dos negócios.

Mentalidade empreendedora

A proposta da imersão é desenvolver a mentalidade empreendedora, estimular

habilidades de liderança e contribuir para a aceleração da trajetória acadêmica e profissional dos participantes. A programação inclui conteúdos estratégicos, orientações práticas e oportunidades de networking qualificado, em uma experiência pensada para quem busca se destacar no cenário empresarial.

Samba inaugural

A temporada de shows de samba e pagode em 2026 será inaugurada em São Luís no dia 21 de março, às 19h, na Privilege Hall, com produção de Anderson Mello, em parceria com a Acontece

Produtora e a Realiza Produções. O destaque será o show do sambista Leandro Sapucahy. A noite também marcará a comemoração de aniversário do produtor Anderson Mello, reunindo amigos, parceiros e fãs em uma celebração musical.

Circo Americano

A magia do circo ganha uma dimensão grandiosa em São Luís com a chegada do Circo Americano, na área externa do Shopping da Ilha, no Maranhão Novo. Um dos maiores espetáculos itinerantes da atualidade em turnê pela América Latina desde 2021, com uma

produção internacional que combina tradição circense e inovação tecnológica em uma experiência imersiva para todas as idades.

Música, dança, teatro e manobras radicais

Debaixo da grande tenda, o público é conduzido a um universo de cores vibrantes, trilhas sonoras envolventes e números que desafiam a gravidade. O enredo mistura música, dança, teatro e manobras radicais executadas por artistas de diversas partes do mundo, criando um espetáculo dinâmico, emocionante e visualmente impactante.